

A maioria está lá à força mas são muitos que querem fugir

— desertor dos bandidos armados, que se entregou com arma às FAM/FPLM

«A maioria das pessoas que estão nas fileiras dos bandos armados foi forçada a lá estar e alguns acabam por ficar destruídos, porque aquela vida envenena as pessoas. Eu, assim que consegui fugir, conduzi as FAM/FPLM para o acampamento onde tinha estado, que foi desmantelado» — assim se pronunciou, Mateus Sithole, um dos desertores do banditismo, que em Fevereiro último entregou-se às nossas forças, com a sua arma e «sacudu», na zona de Mapai, em Gaza.

Bem parecido e com um semblante que irradia simpatia, Mateus Sithole é de fala pausada, cujas palavras denotam uma grande força de carácter, sem hesitação, mas pronunciadas com cuidado, como se estivessem a ser medidas e pesadas uma a uma.

Recebeu-nos de rosto alegre, permitindo-se mesmo um sorriso tímido em várias passagens das suas declarações.

Na apresentação da praxe, após dizer o nome, adianta que é oriundo de Chipungabera, em Manica, onde nasceu há 25 anos. O começo de sua atribulada vida nos bandos armados é, praticamente, idêntico ao de muitos jovens moçambicanos que, como ele próprio no-lo diz, vão parar às fileiras daquela vida desumanizante.

O COMEÇO

Dirigia-me à África do Sul, juntamente com um grupo de amigos da minha região, para trabalhar nas minas, via Inhambane. Isso foi em Outubro de 1983. Na zona da Maxixe, encontramos um grupo armado que interceptou a viatura em que viajamos — diz-nos em jeito de intróito, Mateus Sithole.

Esta teria sido a sua terceira ida às minas do «John», caso a viagem não tivesse sido interrompida. O grupo em que estava integrado era composto de 10 pessoas, na sua totalidade veteranos do trabalho migratório.

Logo que o nosso carro parou cercaram-nos e deram ordens para descermos, após o que incendiaram a viatura. Em seguida conduziram-nos a um pequeno acampamento nas proximidades e daí fomos enviados a Macodamo, perto de Mapai, já

em Gaza. Aqui, fomos conduzidos a um outro acampamento, já maior, onde nos primeiros dias recebemos mobilização política, durante a qual explicavam-nos que estavam a lutar pela terra, para acabar com o socialismo, aldeias comunais e outras coisas mas não diziam o que pretendiam criar em troca.

Seguiu-se depois o habitual treino de um mês, que se processou no acampamento de Chidulo, perto de Massangana, em Chicualacuala, findo o qual foi-lhe distribuída uma arma, de tipo «AKM».

ASSALTOS E OUTRAS ATROCIDADES

Terminado o treino — prosseguiu Mateus Sithole — fui integrado num grupo que partiu com a missão de realizar assaltos às casas das populações, tojas e outros lugares para roubo de bols, galinhas, farinha e tudo o que fosse comida levamos, porque lá no mato onde vivíamos não havia nada.

Esta vida de saqueador durou vários meses, durante os quais Mateus Sithole admite ter disparado contra um número que não é capaz de determinar, de pessoas, algumas das quais morreram vitimadas pelas suas balas. Mas, como faz questão de frisar, era isso que se lhe exigia, se o não fizesse não estaria vivo, porque lá quem fraqueja ou hesita é logo abatido.

DA FUGA À VINGANÇA

A oportunidade de escapar daquela vida sem futuro, surgiu-me uma noite quando regressei ao acampamento, em Fevereiro deste ano. Eu e outros do meu grupo fomos escolhidos para fazer a sentinela. Então,

nessa noite, aproveitando a distração dos meus colegas, peguei na arma e no meu «sacudu» e meti-me a caminho. Depois de andar quase toda a noite, dirigi-me directamente ao Quartel das FAM/FPLM em Mapai, onde entreguel-me às nossas forças — adianta o nosso entrevistado.

Em Mapai, foi bem recebido pelos soldados das FAM/FPLM, que lhe deram de comer e água para se lavar, passando depois a ser submetido ao trabalho de investigação que é normal em tais circunstâncias, após o qual seria entregue ao Comando Militar de Gaza, em Chibuto.

Foi no decurso deste trabalho — explica — que passados dias conduzi as FAM/FPLM para o acampamento de onde tinha fugido, o qual em resultado dessa acção foi destruído. Esta foi a minha vingança contra aqueles que me tinham arrastado para aquela vida. Depois disto fui então enviado para Chibuto.

A MAIORIA QUER FUGIR

Instado a indicar as razões que lhe deram mais determinação para fugir, disse que nunca tinha ficado satisfeito com o trabalho e a vida que se leva nos acampamentos dos bandidos.

Então eu é que arriscava mais a minha vida, roubando gado aqui e ali e só recebia pele para assar e comer. A carne era só para os chefes, que vida é essa? Além disso, a maioria das pessoas que lá estão foi recrutada à força. É certo que alguns acabam por ficar destruídos porque a vida que se leva lá desumaniza todos aqueles que lá andam, mas a maioria que ainda não está envenenada só pensa em fugir porque todos vêem que o banditismo não tem ne-

nhum futuro — afirma Mateus Sithole.

Acerca do tratamento recebido em Chibuto, Mateus Sithole considerou-o como «muito bom», porquanto permite-lhe ter refeições certas, lavar-se e beneficiar de assistência médica, adiantando que desde que chegara a Chibuto já recuperou grande parte do seu peso.

— Se te mandassem agora para casa o que irias fazer? — a esta pergunta, Mateus Sithole deu uma resposta algo desconcertante:

Primeiro pediria um emprego, para que me deixassem trabalhar durante algum tempo para refazer a minha vida, porque saí de casa em busca de emprego. Só assim poderia recuperar de todo o sofrimento que passei de Outubro do ano passado até Fevereiro de 84, regressar assim mesmo a casa não me iria ajudar muito.



«Depois de me entregarem, conduzi as FAM/FPLM ao acampamento de onde tinha fugido e este foi destruído» — Mateus Sithole